

3.

Dominique Gonzalez-Foerster entrevista a Denise Milfont

Denise Milfont e Dominique Gonzalez-Foerster

Dominique Gonzalez-Foerster: Você se lembra de quando nos conhecemos? Acho que foi na rua Paissandu... a rua com palmeiras... eu estava chegando de Brasília onde tive uma experiência fantástica com sua amiga Solange... Eu só sabia que você era de Brasília e era namorada do Helmut, era agosto de 1998.

Havia um grande desenho na parede do Ricardo Basbaum na sala, Helmut morava com a Bia, sua amiga do teatro... e o MAC de Niterói era ainda bem novo. Você tinha um apartamento na Gávea...

Denise Milfont: Claro que lembro do nosso encontro! Você chegava de Brasília com Pierre Huyghe, dois promissores artistas franceses que vinham sedentos de curiosidade pelo nosso tropical e exótico país, até então, desconhecido da grande maioria dos artistas internacionais. Era 1998. Brasília foi o nosso elo principal, o nosso afetivo encontro virtual, nossas identificações recíprocas, que nos orgulhava e ainda nos orgulha. Uma remota capital que te confesso, nem os brasileiros dão o real valor histórico, artístico que ela tem e deveria receber. Me lembro tão bem dos seus olhos brilhando, ao revelar suas descobertas: "A amplidão de Brasília, seus espaços vazios, a modernidade da arquitetura mesclada àquele grande desértico cerrado tropical". Que de alguma forma, influenciou muito em seus trabalhos e, paralelamente, influencia o meu. Lembro-me de ser uma espécie de raridade pra você, "alguém nascido em Brasília! Uau"... E na verdade acho que foi a primeira vez que ouvi alguém falar de Brasília com tanta admiração que não fosse os amigos brasilienses. Imagino que lá você deve ter se conectado imediatamente à cidade onde cresceu – Grenoble, uma cidade-laboratório no bairro de Villeneuve, bairro inspirado em Le Corbusier –, e me identifico totalmente com seu pensamento, quando você diz que "a ideia de que a maior força da arquitetura talvez não esteja no que ela preenche, mas no que deixa vazio". E assim é Brasília.

Te inserir na cidade por meio da minha amiga Solange Cianni, foi como a extensão da minha própria casa, do meu próprio olhar. A partir deste ponto criamos um vínculo, tornamos próximas. Foi em agosto de 1998. Eu já namorava o Helmut há dois anos, quando você chegou no apartamento da rua Paissandu, que era a minha segunda casa. O Helmut estava de volta ao Brasil (desde 1996) cheio de sonhos à realizar, e um dos primeiros foi o Agora–CAPACETE que vi nascer e morrer. Foram tempos preciosos. De muitas alegrias, sonhos e também realizações.

Dominique: Por que você se mudou para Santa Teresa, e como sua casa se tornou uma residência artística? O primeiro endereço foi na rua do Triunfo 16... penso que no alto do morro, rodeada de pássaros, árvores, céu... Acho que a segunda vez que voltei ao Brasil você já havia se mudado.

Denise: Após o Agora–CAPACETE acabar, e o Helmut deixar o apartamento da rua Paissandú, senti muita vontade de mudar para uma casa onde pudesse compartilhar com outras pessoas. Estava cansada de morar em apartamento, experiência vivida desde que nasci. Eu queria passar por essa experiência de viver em uma casa, ter um quintal, aquelas coisas românticas que sentimos uma vez na vida (risos). E assim achei a casa da rua Triunfo 16, onde pudemos sediar a primeira residência de arte do Brasil.

Mas esse não era o intuito inicial, foi algo completamente orgânico. Isso talvez tenha sido para mim o ponto alto do CAPACETE, aquilo que o diferenciava de outras organizações. Aconteceu e foi organizado pelo acaso e, ao mesmo tempo, pelo dia à dia, sem muita pressão de dar certo, além do prazer de sómente ser e existir. Isso nos dias de hoje, talvez seja impossível imaginar dar certo. Mas deu... Naquele momento deu. Na semana em que mudei, me senti deprimida, absolutamente insegura com o passo que havia dado. Chorei copiosamente durante uns dois dias, arrependida de ter largado meu apartamento onde eu simplesmente fechava uma porta, para me aventurar nessa louca jornada, sem imaginar no que iria se transformar.

A mudança foi na semana que antecedia o Carnaval. Bem nessa semana, conheci o casal Fernanda Chaves e Stephano Machi que procuravam uma casa para morar, por um curto período de tempo em Santa Teresa. Imediatamente convidei-os para ficarem em um dos

quartos, já que a casa era grande e comportava morar um bom número de pessoas. Nessa exata semana de mudança e do encontro com Fernanda e Stephano, Helmut me perguntou se eu poderia hospedar uma curadora austríaca, Sabine Schaschl, que vinha ao Brasil organizar uma exposição do artista austríaco Franz West (que infelizmente acabou não acontecendo). Simultaneamente, fomos contatados por outros dois artistas japoneses Miwa Yanagi e Sansei Kimura que procuravam um lugar para se hospedar, pois estavam vindo para uma exposição no Sérgio Porto. E para surpresa final, meu querido Stephano me sondou se eu poderia também hospedar, nos quartos que ainda estavam disponíveis, cinco italianos amigos seus, que vinham para o Carnaval. Enfim, os artistas vindo para trabalho e os italianos, para o Carnaval. Algo mais que antropofágico não poderia existir (risos).

Frente a todas essas coincidências, veio imediatamente um forte pensamento na minha mente: “Faz, não pensa... Faz, não pensa... Faz, não pensa...”, e ele foi se repetindo inúmeras vezes dentro de mim. Então, mais que depressa decidi comprar dez colchões, e distribuí-los entre os quartos para receber os ilustres hóspedes. Certo dia, Sabine pediu para fazer um *happy hour* e convidar o *attachée* da Áustria no Brasil naquela ocasião, para conhecer o local. Helmut aproveitou e decidiu convidar e apresentar vários artistas do Rio aos visitantes. Enfim, juntaram-se todos nessa noite, e os italianos cozinharam para nós evidentemente a melhor *pasta*. Ao contemplar aquele movimento diante dos meus olhos, todos integrados em completa harmonia, naturalidade e com uma alegria incrível, tive a certeza que nascia ali a Casa da Denise–CAPACETE. Foi mágico e lindo! E como tudo no Brasil é um pouco antropofágico, nada melhor do que começar algo em plena época de Carnaval.

Dominique: Você é uma atriz... uma atriz bastante visual e musical... Como você conectou sua prática artística e experiência ao CAPACETE e às artes visuais? Quais artistas e projetos que mais te fascinaram/interessaram, e por quê?

Denise: Apesar de ter convivido tanto com os artistas visuais, nunca desejei ser uma de vocês. Mas posso te afirmar que o mundo das artes visuais influenciou no meu trabalho. Sou atriz, não sou uma performer das artes visuais e, sim, das artes cênicas. Pensamos diferente, vemos a vida de forma diferente. Conviver com vocês, artistas visuais, me ajudou a conhecer e usar outros dispositivos e chegar mais



perto do que consigo entender quando crio. Sou atriz e brinco que me considero também uma compositora teatral, concebo meus projetos, e neles tenho como primordial pensar na questão sonora, o som da palavra, esse é o meu processo de trabalho. Gosto das entrelinhas, do hiato. A partitura do que provocamos ao reler um texto, o sensorial da palavra escrita e também da falada. Vocês, artistas visuais, sabem muito bem trabalhar a sensorialidade do conteúdo. Venho da música, sou de uma família musical, achei que seria musicista, mas não fui. Mas ainda estou em processo de entendimento e elaboração dessa minha própria técnica. Antes CAPACETE, eu nunca havia convivido e muito menos conhecia e entendia de arte contemporânea na sua essência. E te confesso, nem sei se a entendo na sua profunda exatidão, mas, pelo menos, hoje eu tenho um senso de estética mais apurado, e sei diferenciar o bom do medíocre. Já é um passo, né? (risos)

Fui me apaixonando, pela subjetividade de vocês. Aliás, o filósofo francês Gilles Deleuze traduz isso muito bem quando cita



que nos apaixonamos pela "paisagem do outro". E foi assim que aconteceu, eu me apaixonei pela paisagem de vocês. Entendo esse universo, porque o convívio foi diário em minha vida. Dou graças a essa viagem híbrida em que me meti. Logicamente isso não poderia ter acontecido se eu não tivesse atravessado por essa experiência. Afinal, foram milhares de artistas, de várias partes do mundo que passaram e ainda passam na minha casa. Sabe o que é isso? Durante dezessete anos? Se não te modifica de alguma forma, é melhor vender pizza. Fui uma boa anfitriã e ainda o sou.

No começo, naquele momento o Brasil se destacava nos noticiários internacionais e atraía curadores, artistas de todos as partes. Eu sempre gostei de gente, e sou diplomata de alma, nasci assim, *sorry*, a pessoa nasce assim, não se transforma em ... Porque, além do mais, é uma vocação, e da mais alta responsabilidade. Eu sei unir as pessoas. Ajudei milhares desses artistas em seus projetos.

Acho que a minha parceria com o Helmut foi perfeita, cada um sabia gerenciar muito bem o próprio potencial: ele um exímio idealizador, e eu a base, o chão, o afeto, e os dois juntos, a confiabilidade. E quando você une esses dois polos em algo, não há como dar errado. E assim foi criado o CAPACETE, com completa organicidade, regado a afetos. Muitos e maravilhosos encontros entre jantares, cafés das manhãs e resultando em uma abundância de projetos. Sinto um orgulho imensurável de ter proporcionado isso tudo ao meu país, ser responsável de uma certa forma pela internacionalização da arte contemporânea no Brasil, e essa história ninguém nos tira.

Desses milhares de artistas, curadores, escritores, arquitetos, pensadores, pessoal da dança, que passaram por nós, pela minha casa, muitos laços foram criados e ainda são cultivados, e seria imprudência da minha parte citar alguns nomes e esquecer de alguém. Então prefiro aqui falar de uma maneira global, o quanto todos foram importantes. Guardo cada um na minha lembrança com muito carinho, amor e amizade.

Dominique: Me lembro muito bem do espaço aberto nos fundos da casa, onde instalamos as redes e pintamos de roxo, que você também usou como espaço de ensaio...e a piscina tão linda com as projeções de vídeo?

Denise: Aquela casa fez história, era propícia a criações, seja em que área fosse. Foram muitas exposições, instalações, encontros, jantares. Sim, tinha um excelente galpão no jardim, e no subsolo deste galpão, havia dois pequenos quartos e uma área que acabou virando cozinha e ali foi sediada a primeira residência oficial da América do Sul dos artistas franceses, logicamente, após a missão francesa no século XIX. Legal, né? Será que ainda vou ganhar a Medalha de Cavaleiro da Ordem das Artes e Letras (Ordre des Arts et des Lettres) do governo francês? (risos).

Acredito que eu tenha sido a pessoa no Brasil a receber mais franceses em casa pelo menos nos anos 2000 (risos). Olha que foram dezessete anos acolhendo os franceses! A parceria foi criada com o consulado francês por iniciativa e intermédio do *attacheé cultural* Marc Pottier. Amo a coragem do Marc, pois foi rápido e certo em escolher se juntar ao CAPACETE, em um momento em que tinha a opção de alugar o próprio espaço. Mas ele pensou grande ao criar uma residência

francesa se unindo a nós, que já operávamos. E a sua decisão foi de uma preciosa inteligência e genialidade.

Uma das maiores falhas no Brasil é sempre querer criar o novo, e renegar quem já produz e que deu certo. Parece que há uma necessidade grande entre os que estão em posições de liderança de querer sempre começar algo, não fazendo a menor idéia de como é necessário e vital prover a continuidade. Também acho que os novos devem ter espaços e ter incentivos. Mas isso é um problema infundável e cultural do nosso povo. Essa questão precisa ser debatida.

Continuando a lembrança, recebemos o artista francês Bruno Serralongue, antes da oficialização da residência francesa, foi convidado para desenvolver um projeto no Rio pelo CAPACETE. Mas os primeiros artistas convidados a fazer a residência francesa pelo consulado foram, Jano, o cartunista, que veio para fazer o livro lindo de animação – *O Rio de Jano* –, um retrato particular do Rio de Janeiro; e a artista belga Françoise Schein, radicada em Paris, que concebeu artisticamente os painéis sobre direitos humanos no metrô de Copacabana e na praça do Morro do Vidigal. E daí vieram milhares de outros (vide lista de artistas no site do CAPACETE). Você foi uma das artistas que veio patrocinada de alguma forma pelo governo francês em parceria com o consulado e a convite do Helmut também. O CAPACETE ajudou você a produzir o seu filme *La Plage*. Mas a casa da rua Triunfo 16, não foi somente a residência dos artistas franceses. Ali também sediou as residências dos artistas dos países nórdicos, financiada pela Frame (extinta instituição nórdica), Alemanha, Inglaterra, Itália, Grécia, Bélgica, Japão e muitos outros países.

Bom, voltando ao estúdio/salão, quando mudei para a casa da rua Triunfo, eu a idealizei como um grande espaço de encontros, conversas, leituras, da preguiça, de ensaios. Coloquei várias redes. Era lindo ver todas aquelas redes de variadas cores, uma espécie de homenagem afetiva ao Hélio Oiticica. Eram os anos 2000.

Ali naquele espaço concebi e ensaiei minha primeira composição teatral, em que inicio meu trabalho com a pesquisa eletroacústica. Foi ali que percebi que o meu caminho com o teatro passava por uma outra vertente.

Você escolheu aquele espaço para fazer sua primeira instalação no Brasil. A partir da sua interferência pintando as paredes de *purple*, evidentemente deu àquela sala outra dimensão de valor. Afinal era uma instalação sua. Me orgulhava disso. E claro que o nosso imaginário passa a ser um imenso espaço de sensações. Estar envolvida naquela sala roxa era muito bom. O jardim era uma espécie de cinema ao ar livre. Projetamos muitos filmes conceituais e ficcionais. Foi realmente uma casa que fez história, raros museus ou instituições reuniram uma variedade tão diversa de artistas e curadores. E sempre os encontros eram regados a muitos churrascos, jantares, e logicamente a principal refeição da casa: o café da manhã. Ali era a célula-mãe. Mas o mais importante, que tudo acontecia naturalmente, construído pela organicidade. Esses modelos são os que acredito. Eu vivenciei no dia a dia, acredito que a sociedade crescerá quando entender que a moeda principal é a confiança. E assim construí a Casa da Denise, as pessoas confiavam em mim e no CAPACETE. Moeda rara e de grande valia.

Dominique: Então você se mudou para outra casa maravilhosa na Ladeira do Meireles, mais quartos, mais espaço, mais encontros, a vista do Pão de Açúcar... E o CAPACETE estava crescendo...

Denise: Você falou bem, casa maravilhosa. Sim, tenho e sempre tive muita sorte com lugares. Quando mudamos para Santa Teresa, e aluguei a casa da rua Triunfo 16, comecei a receber os artistas, e ninguém fazia isso. Lembro-me de pedir a todos os amigos de Santa que abrissem suas casas, alugassem seus quartos vagos, pois a demanda era grande. Tinha que receber para ajudar na manutenção da casa, nunca anunciei nada, nunca me considerei pousada, porque não o era, tudo era boca a boca. Em dezessete anos as pessoas vinham por recomendação. E não tínhamos ajuda governamental. Tínhamos que convidar artistas da América do Sul, e esses nós bancávamos. Mas o mais prazeroso para mim era juntar artistas e mortais (como carinhosamente classifico quem não é artista). Era realmente fascinante (risos). Queria ver todo mundo misturado, trocando suas experiências, inclusive na hora mais importante da casa como citei acima e repito: o café da manhã. Ali sim, foi o início de muitos projetos artísticos, novas amizades, novos casamentos e namoros. Projetos fortes e férteis.

Enquanto nós brasileiros estávamos deslumbrados, com o *Brazildream*, com a economia, poder, o dinheiro começando a entrar

a bancarrota nas artes, eu convivía com a realidade diariamente. Percebia o grau de dicotomia do Brasil. Tudo estava encarecendo e constatávamos um país que não oferecia o que cobrava. Isso nos afetava. O Brasil para o mundo virou o *must*. Vocês europeus, entrando numa crise econômica e perdidos, deslumbrando a possibilidade de desbravar o nosso país. O Brasil um promissor país que acolhia os frustrados, oriundos de uma velha e decadente Europa. Mas tudo era muito frágil. Talvez por isso que seja atraente. E o Brasil começou a ser notícia de avanço e progresso no mundo inteiro. Todos artistas queriam vir pra cá. Vivemos um deslumbramento necessário. Difícil pra vocês entenderem talvez, porém vital para nós.

Aquele momento foi maravilhoso porque precisávamos desta autoestima. Fomos colonizados, era a nossa história sendo revista de outra forma para o mundo. Mas infelizmente, tudo o que não tem solidez, se esvai no córrego. Na época que vocês começaram a vir para cá, a arte contemporânea brasileira começava a bombar, milhares de galerias foram abertas (precisamente em São Paulo e no Rio), curadores do mundo inteiro voltaram os olhos para cá. Foram criadas feiras de artes. E a descoberta da mina de ouro pelos jovens investidores das bolsas e do mercado financeiro descobrindo quanto era produtivo converter seus virtuais lucros em obras de artes. Nós éramos livres, havia uma total liberdade de se fazer o que queria, mas isso consequentemente acarretou muitas dificuldades no decorrer do caminho, falta de total incentivo. Tudo saía de nós mesmos, com ajuda somente de instituições internacionais que patrocinavam seus artistas a virem e estarem com o CAPACETE.

Essa maneira violenta e impensada dos nossos governantes de sempre querer começar algo e não apoiar quem já vem na estrada é "burra", dificulta e impede a continuidade de modelos que trazem êxito e prestígio para todos nós. Isso não é só na arte, é assim em outros setores, seja na ciência, na academia, projetos sociais e por aí vai...

Definitivamente. O CAPACETE deveria e merecia ter ajuda governamental, primeiro por tudo o que proporcionou ao Brasil e, segundo, pelo tempo em ação efetiva. Mas o pensamento é: "Brasil sempre será o país do novo. Só esquecemos que chegamos a senilidade há pelo menos alguns séculos.



Dominique: Nós vivemos na mesma casa, vimos chover lá dentro, nossos filhos são amigos, nós compartilhamos muitos pensamentos, dúvidas, sonhos e momentos...

Tem algum sonho que você não realizou durante todos esses anos do CAPACETE? Como você vê o presente? É uma geometria/movimento interessante o fato de que você agora vive próxima ao mar, e novamente em um apartamento... Fico sempre curiosa quanto aos seus próximos passos...

Denise: Decidimos fazer uma viagem a Paraty, eu dirigia meu Jeep e nós conversando sobre nossas vidas e nos sentindo no próprio filme de Ridley Scott, *Thelma e Louise*, deliciosa e hilária brincadeira nos referindo a nós mesmas. Aquela viagem foi inesquecível tanto para mim quanto para você, pois ali começamos a nossa leal amizade que se fortificou a cada ano. Uma amizade sempre plena de muitas gargalhadas, confidências, discordâncias, estranhamentos, mas sobretudo respeito, sim muito respeito para com as nossas diferenças. Você engravidou e, dois anos após, eu engravidei.



Um dia te mostrei uma casa, do lado da que eu havia comprado, a casa da Ladeira dos Meireles. Uma casa com pilastras gregas e com vista para a Baía da Guanabara e o Pão de Açúcar. Você logo foi dizendo: “Quero comprá-la!” E eu, assustada e perplexa, indaguei: “Mas por que?” E você firmemente respondeu: “Porque quero envelhecer no Brasil”.

– Também com aquela vista, até eu! (risos), pensei.

Você começou a reformá-la, e após acabar a obra, nos convidou para ocupar uma parte dela. Eu já, então grávida, a ponto de parir, acabei aceitando. Ali tive o meu querido Oto, e ali compartilhamos por oito anos. Era a extensão da minha outra casa.

Ali a Ryo, sua filha, cresceu também (considerando que vocês vinham todos os anos). Morar na mesma casa, mundos e personalidades muito diferentes, foi o nosso risco, mas vencemos a batalha. E fomos muito felizes, éramos uma bela família. Vocês e nós.

Mas como toda família passamos por experiências bizarras:

o desabamento do jardim em 2011, época de muitas chuvas no Rio, momento dos mais loucos e difíceis da minha vida. Mas superamos e confesso que fiquei um pouquinho traumatizada até hoje. E uma outra situação, foi a de uma caixa d'água, que ficava no forro do telhado, estourou e jorrava água torrencialmente. Nós duas desesperadas correndo e colocando panelas, baldes, pelos quatro cantos da sala, quando de repente Oto e Ryo, bem pequenos, se encaminharam ao piano, sentaram e começaram a bater nas teclas, concentradíssimos, achando que tocavam a maior sinfonia já ouvida (risos). Foi desesperador, mágico e incrível o momento.

Aliás, incrível é como você sempre está presente nos momentos mais delicados da minha vida, exemplo ano passado (2017), quando sofri um acidente que me imobilizou por três meses. Você foi realmente maravilhosa e impecável na ajuda. Grata para sempre. Agora respondendo à sua pergunta em relação aos sonhos que não realizei, ahhhh! Foram muitos... Não há possibilidade de se fazer tudo na vida. Naquela ocasião, eu me afastei do meu próprio trabalho de atriz para cuidar da residência e me dedicar ao filho ainda bebê, apesar de ter conseguido, mesmo assim, produzir e conceber uma peça teatral. Agora a vida me colocou de novo de frente ao meu propósito e tem uma frase muito exemplar: "Ou pega ou larga" ... Eu decidi pegar.

Mas acredito e sei que no final tudo foi SOMA. Tudo se somou e deu no momento que estou agora. Hoje em dia voltei a morar em um apartamento, apesar da Casa da Denise ainda funcionar, com outra dinâmica, mas funciona e muitos artistas continuam voltando. E o CAPACETE do qual fiz parte está aí, apesar de institucional, o que na minha época não o era, e continua a lutar por sua sobrevivência. E só me resta a desejar ao Helmut e a sua nova equipe que tenham muitas vitórias.

A história do CAPACETE ninguém muda, está escrita e vivida e, dessa, eu participei e ajudei a criar. Viva os vinte anos do CAPACETE... Viva os dezoito anos da Casa da Denise... Viva todos que participaram e ainda participam desta história... E viva eu e você.

Fotos e direitos autorais das imagens:

Brenda Marques (da Denise Milfont) e Camille Vivier (da Dominique Gonzalez-Foerster).

